

SONHOS PODADOS

Livro 48

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



RASCUNHO

Rascunho fantasias quando me impõem o incômodo. Moldo-me, sei que o tempo está logo ali, esperando minhas fragilidades para entrar em minha vida. O tempo se ocupará das minhas convicções, pesará no meu rosto, tomará as articulações de assalto, tentará recheiar meus vazios dando-me uma suspeita sensação de existir.

Ainda assim, nunca deixarão de ver com os olhos que leio o mundo. Eles veem um desfile de heróis perdidos, reis degradados, políticos enlameados, povos humildes desprotegidos, pobres ofendidos e dizimados.



MURMÚRIOS

Ouvir murmúrios, confunde. Em seu lugar, verto uma prudência que atravessa o espírito., inimizando-o com a intriga.

Aqueles que burlam não me alcançarão para envolver-me em suas ações.

ENCANTADO

Encantei-me por vozes, poemas, histórias, narrativas, declamações, literatura, projetos, construção de amizades, acordos, amores declarados e ocultados. Ame comidas, países, portos. Esse amor que corre em minhas veias como sonho é feito de nostalgia, humilde exposta como agonia, ausente como saudade negra, luto, quase morte assistida, quase uma paixão desenfreada que cobre o feio e o bonito.



APRECIAR AS RECORDAÇÕES

Um benefício do amadurecimento é o de poder apreciar toda distância que media entre a recordação e o agora. Nem sempre este “antes” explica o “depois”. Ofereço uma nova leitura à recordação e à compreensão do recordado. Sem equiparar me vejo capturado a entrar e a sair do antigo que se faz novo na emergência de cada recordar.

ANÚNCIOS

Interrompi minha percepção para que a gravidade dos anúncios possa esperar um pouco. Desenrolo minha vida capaz de conter o espanto, vivo do acúmulo de decepções, da ilusão de viver integrado, de sonhos originais, de conselhos inúteis, de retornos frustrados, de gostos privados. Vivo de horizontes com projetos, de nulas garantias de sobrevivência, e andanças instáveis, de frágeis equilíbrios e de pequenas histórias, da falta de reconhecimento, da fragilidade do equilíbrio, da ameaça de uma recaída agindo como um disjuntor.



ANTIGAS PRETENÇÕES

Acabam de evaporar-se antigas pretensões que exigem esforços impossíveis. Evoluo, condenso ousadias, evito exageros na dor, na grandeza, na perda. Investigo novas aptidões, examino a vida eterna, a minha paciência, o meu corpo. Quero arrancar do tempo o tanto quanto eu possa.

ANTIGO FEITIÇO

Converti-me em um homem hermeticamente fechado em uma unidade da minha própria consciência. Volta e meia convoco a solidão que me dá a paz necessária ao costume de pensar quem sou, o que penso, o que necessito. Acostumo-me deste modo às sombras acolhedoras, ao sorriso amigo, a sensação de estar cumprindo com o que me cabe. Leio, escrevo e converso com todos vivos e mortos, acendo luzes e memórias, me esforço para encontrar um talento que se esconde toda vez que entro a procurá-lo como antigo feitiço.



NÃO SUSPEITO DA FÉ

Não suspeito da fé, senão daqueles que dela tenham abusado. Trato de conduzir a falta de vontade, algo me adverte que a preguiça é manhosa e se faz aficcionar deliberando que eu me afaste daqueles que me acompanham nas coisas mundanas. Não me aconselho

ancorar no padrão dos dedicados amantes que se entregam a doçura esperando retorno. Eles choram por detrás as portas, se jogam no chão, vomitam o ódio pelos ouvidos, falam pelos olhos, desejam o pior catando as lembranças para que não saiam com vontade de ficar. Retiram-se afastando o inoportuno, alargam uma inclinação, exageram uma inclinação, exageram a gravidade, deliberam habituar-se à ausência. Modelam uma solidão, suprimem as saudades. Distribuem afetos calculados porque não tem um passado edificado, sucumbem ao cinza. Na borda da ternura melhoram a agudeza do espírito par amar tanto sem tanto sofrimento. Ornado de falsas dedicações, fingem que se divertem, afirmando o pensamento em controlar o gemido que ameaça brotar. Afirmado no desconhecido de si mesmos, não poderão mais aguentar a dor que acompanha os fracassos do amor.

Antes de ser derrubado, preparo a criança antes de recomeçar, adorno a fantasia com novos versos inspirados, deveras necessários para compor essa nova sintonia. Apronto a vida, nova, sem fadiga, como se fosse de primeira mão.

ACÚMULOS

Uma aventura inédita prometia um final feliz. Favores impossíveis deitaram-se junto aos corpos nus, imitavam vozes de pássaros, acessos de animalidade pressagiaram inusitados prazeres. Queimados os incensos, se derreteram as expectativas na sequência dos tão esperados gozos, houve então um desfile, implorando, suspendendo aquela navegação por acúmulo de cansaços.



ACOSTUMADO

Acostumado às palavras, me desconcerto com inesperados silêncios. Em vão marco, desmarco, insisto, incentivo, retiro o excesso e amadureço o dito por necessário. Embora se embriague com falar em excesso, o que não se diz o que faz falta. Coisa rara saber o que é mar, amar, amargo, mito e mistério.

ACERTO

Dou liberdade à minha vontade de surpreender. Ao perder a obrigação do acerto eterno, cedi lugar ao uso dos movimentos e das oportunidades, otimizando o gesto e aproveitando a eficiência de dar e receber. Abro minhas fronteiras com o propósito de celebrar a propriedade da tolerância. Aproveito a oportunidades para uma reflexão de como posso diminuir a presunção.



SABER

Abro o apetite do saber, me preparo para o que venha. Ausências eliminam a vontade de existir. Tantas dispersões me enviam ao que não me interessa, me põem na antessala daqueles que vivem sem as letras, aficionados do efêmero e das imagens, das inúteis regras que prolongam a agonia da espera, das vozes que endurecem e desagregam os costumes que o povo cria.

PRECISO

Preciso de um sorriso que me faça companhia ilumine com o vigor que exige contrapartida. Minha alma perdeu a alegria.



ÚNICA VERDADE

Percorro o dia seguinte suspendendo culpas que não reconheço minhas, enfrento as sombras que como consequência insistem em prosperar na minha intimidade. Fingindo desafogo, dou-me as costas contradizendo uma versão que insiste em se apresentar como única e verdadeira.

MEDO

Como se aproximo do medo, sutil e frágil fico entre o temor e o desejo me doando para que me indiquem os caminhos da prudência, onde eu possa fazer dali o lugar do repouso da alma. Sonho que o amor possa em algum momento ficar quieto e para sempre satisfeito sem rebeldias que interfiram e promovam atenção aos comovidos pedidos de urgência.



MENTOR

Mentor de minhas imaginações, devaneios e sonhos, não posso incluir-me no inventário do ocaso do Amor. Auto nomeado por insistência como seu tutor, teria que havê-lo cuidado melhor porque ele sempre se manteve criança, desprotegido e necessitado de cuidados permanentes. Não sei quanto sofreu, quanto sentiu falta, quantos apelos chorou, recursos omitidos, quantos chamados feitos aos meus ouvidos surdos e insensíveis, derramando seu pranto em mim.

GENEROSIDADE

De qual generosidade me esperam portador se não sou capaz de realizar meus desejos de ser fiel a mim mesmo? Imprudente me lanço covarde a lutar por causas que não são minhas e mando para o espaço minha compaixão, isso quando mantenho a misericórdia que me impede descartar a razão e a paixão pelas virtudes.



POR ONDE COMEÇAR

Não sei quando nem por onde começar a graça e onde parar a contradição. Avisarei quando fugir dessas regras compartilhadas e aceitas. Caso contrário, como celebrar a existência, o humor renovado pela esperança e pela inovação da tão escassa e sensível inteligência?

DESDEM

Como um desdém, só danos flutuam saindo de una nave estacionada na porta da minha casa. Ainda que me pareça estranho nada se move ou sai do lugar, sou eu quem gira ao redor das cenas com se as construísse seguro e humilde como quem cumpre sua rotina. Lisonjeiro e infeliz, cansado da tristeza declaro seu fim e me perguntam quando posso encontrar-me mais satisfeito, com esperança, inventando novas grandezas para seguir sonhando?



A MAGIA

A magia que me afoga sem ser náufrago, que me transporta sem sair do mesmo lugar, e como um remédio vão, finge acalmar-me uma dor crônica como os ciúmes que desanimam e condenam à eterna solidão que oprime por terríveis penas auto impostas.

MINHA ALMA

Minha alma decidiu reunir todas as minhas partes. Como um livro de páginas arrancadas, a memória excluída diria algo de mim que não quero ouvir. Minha alma insiste em ser meu espelho, ainda sem glória, ela acaba com todos os meus cálculos mentais enquanto penso se devo seguir oferecendo-lhe resistências.



A TRILHA DOS AMORES

Lutando com a claridade do dia, queria cronificar a noite repetida, a solidão contente pela ausência de companhia, escolhida, livre dos repetidos de todos os dias, os desgastes, as inúteis explicações, a miséria ignorância que se resiste à renúncia, o pão que fica adormecido sem a devida distribuição, repetindo a trilha dos amores.

VELHOS APOIOS

Ainda uso velhos argumentos, me apoio nas mesmas virtudes de sempre, me encarrego de neutralizar os exageros mais extremos para estar a altura de uma balança cravada em meu outubro. Ainda pratico o vício de ter saudades, uso lápis, borracha, me espanto enquanto cismo de recordar. Procuo um motivo antigo para manter alguma antiga alegria.



SEM QUERER

Sem querer incorporar o reducionismo como forma de ver o mundo, penso que esse tempo de absurdo multiplica o excesso tornando pouco tolerante a frustração de quem sabe o que busca, entendendo que é cada vez mais difícil encontrar.

RESTA

Se essa saudade não me mata, se essa terra não me come, sobreviverei de alguma forma. Resta-me pouco tempo para eu ser eu.



DESABITUADO

Desabitei-me de deixar verter meus sentimentos mais autênticos por medo do vazio que eles iriam encontrar no silêncio das pessoas.

CONFIRMO

A fim de esclarecer, o caminho percorrido foi computado. Assumo a pertinência das virtudes e dos vícios. As consequências de ambos são exatamente as mesmas. No ponto a que cheguei basta saber que os sentimentos são autênticos, embora eu não esteja conforme com todos eles, pois alguns desafiam minhas intenções, que resultam em outras coisas mais complexas e obscuras. Escapam como ofensas descontroladas, reduzindo-me a ser incompatível com a ideia de estar desvinculado, desenraizado, procurando uma solidão grotesca. A vida tem caminhos que afundam, que levam a regiões difíceis de explorar. Tantos são os que fui que quase não me reconheço como legítimo; desconheço o que mais desejo, adoto uma indecisão justa para afetar-me o menos possível. Trato de declarar que tento dar sentido a uma história que vivi, autêntica, afirmo que foi o melhor que se pôde fazer. Sem ostentação, confirmo ser esta a forma de dizer que este sou eu, convicto, inconsciente, fanático, querendo unir, embora separe. Permanentemente tentado a gritar o que calo, única forma de uma ajuda compensatória para reintegrar-me autêntico, protegido de mim mesmo. Proponho sempre novos começos, tento ser capaz de

mudar. À margem da arrogância que adquiri, creio ser mais prudente admirar-me quando insulto menos. Trato de encontrar ações mais eficazes para expressar-me. Não saberia fingir, fazer de conta que nada passou. Ainda estou por aí, persisto. Não me aceito reduzido ao anonimato, condenado a ser esquecido.



TRAGO

Torno-me benévolo quando o mel me é despejado na carne e no osso, quando a paz que quase nunca tenho entra em mim como o ar que necessito. Torno-me benévolo quando original posso ser, sendo eu quem sou; quando despeço-me dos personagens que fui e que hoje não mais me representam, e me dou novos direitos às relações com as pessoas; quando a realidade é feia e eu a aceito, quando o espírito tem duas caras e eu as tolero, estendendo minha tolerância aos arrogantes. Benévolo sou quando omito ser o samaritano que doa o sal e poupa a ira, aquele que ama sem o reconhecimento, faz-se anônimo ao mérito, dispensa o troco; quando reparto o patrimônio, quando aceito de segunda mão

como se fosse de primeira, quando, entre extensos discursos faço silêncio ou digo uma só palavra, a que sintetize e seja valiosa. Benévolo sou quando guardo em segredo a confissão e a desgraça, quando recopilo histórias. Aceito que me dominam os afetos profundos, me escondo por detrás das angústias, faço minhas margens estreitas e me viro do avesso. Tolero meus medos e minhas mãos dormentes, recebo o sofrimento alheio; à dor dos outros empresto-me, como um aficionado, a oferecer sossego. Benévolo sou ao tentar tornar a idade mais confortável, seguir dando chances da esperança ficar. Quando me disponho a começar novas obras. Benévolo sou quando abraço, falo, ofereço o olhar que reconhece, estendo a mão que estima, estico o infinito, concedo direito ao silêncio, estampo beijos, me inclino nestas sutilezas a fazer coisas dessa índole. Sinto-me bem sendo benévolo, é quando caio nas graças da minha boa vontade, instalo a paz da hora seguinte, entro nela com um certo encantamento suficiente, sem excessos. Sou benévolo com a intenção de ser contente comigo e com o mundo, é quando tenho uma ideia de compor uma vida que recolha coerência e sensibilidade. Reunidos os caprichos, consulto todas as pessoas, investigando onde encontrar a origem da fonte.

OLHARES ESCONDIDOS

Dois ou três olhares sem vestígios, neles despejo meus desejos inexperientes em teus voos. Perto de ti, estacionado espero tua visita, escondido atrás das árvores e dos olhares.



PARA VIGIAR

Detenho-me, não sem grande custo. Embora quisesse me despedir, pronunciei sem querer o contrário. Meu dia apareceu semeado de grandes e pequenas fantasias, indicando que enfrentaria condições incomuns, fazendo-me aventurar por mistérios que não posso compreender. Quanto ao que possa passar? Cá estou para vigiar.

SONHOS E PRECIPÍCIOS

Assisto a pessoas entrando e saindo como se estivessem vivendo. Ensaiam na realidade, confirmam absurdas inocências. Viver nunca foi sua especialidade. Insuficientes, se revelam incompletos com o presente sem saber que existe o futuro. Carentes de refúgios assistem a comédia e a farsa interferirem na prática, Entregam as convicções para quem não sabe usá-las, perdem quando confiam na paródia. Por terem vergonha, fingem estar vivendo para pagar créditos e pecados. Não pensam, usam a beira do precipício como transporte.



MINHAS

Palavras minhas se acostumaram a serem minhas companhias.

MINHA IMAGINAÇÃO

Minha imaginação nunca termina de crescer. O que mais me interessa dizer é que ela se fantasia de livre e conquista a mais humilde das vontades, a mais importante, por ser a mais próxima de alcançar. Extraída da minha essência, se oferece para ser usada. Inventa gestos, descumpre ordens, mexe com o tempo, ocupa somente seus espaços. Abstrata, tolerante, deixa rastros, provocando habituações, planta nostalgias para alcançar fazer-te a flor da pele, menor separado do que sou. Difunde-se como uma luz, inventa atitudes, colore com intenções de plantar a beleza e dar encanto as sombras que guarde cinzas. Propõe-se como atitude objetiva para me fazer sonhar. Sei em mim dessa arqueologia da descoberta. Apodera-se de mim um desejo impossível: alterar minha temporalidade para conter tanta vida ainda por viver. Dividido entre o que me consola e ambiciono mais, confirmo que não estou vivendo apenas de ilusões. Darei a qualidade de concreto a tudo que me fascine e me revele como autor da minha própria história.

ESPERA

Acostumei meus olhos a ser caminho, ajuda, fieis, e reconhecedores do merecedor, acolhedores de afetos, da consideração. Ser amável sem ofender, a harmonizar a vida, instalar a confiança no dano, legitimar e lograr a conquista.

Acostumei meus olhos a esperar a correspondência, a aceitação, a compreensão, a interação. Meus olhos humanizados necessitam destes rituais esvaziados de seus direitos, para se sentir seguros neste mundo com tantos “senhores de mim”, em contraste a esse que sou.



PADECER

Padeço dos males que todos os que amam padecem. Convoquei a amada ininterruptamente, prestigiei seu nome, proclamei acolher duplicado, dei sinais com gestos, olhares, silêncios, infindáveis esperas, risos frouxos, vocação duplicada, palpitações, sinais regulares de lirismo e segredos compartilhados. Celebre quando me oferecete o que todos queriam.

CONTEXTOS APRENDIZES

Nesses contextos aprendizes, ora com medo, ora emocionado, busco o rumo às soluções, vim mais em busca de inspiração, vocabulário, e companhia para esse meu desejo de escrever. Sabendo que a escritura é uma parte que se aprende em certas circunstâncias, desperto com a equidade, me faltam razões.



E QUANDO SEJA PERMITIDO

E quando seja permitido dizer, buscarei quem me escute. Haverá alguma outra coisa que eu desejo mais que ser lido por alguém? Algo mais digno de confiança que o cuidado de quem me ama?

Quero deixar de sonhar para encontrar na vigília algo que valha a tanto quanto meus sonhos, sem pretender substituí-los, faço uma extensão válida para viver sonhando, meto meu sonho na realidade até confundir-los por falta de nítidas fronteiras.

RECUSO-ME

Recuso-me a ver e ouvir modos pouco agradáveis que são extensão dos vícios, envilecem minha proposta de viver com um mínimo de dor. Predisponho-me uma prudência que evita a descompostura sempre que a prudência convida a reserva.

Buscarei, sobretudo, não desperdiçar a próxima hora, já que ela jamais será, farei desse lugar em que vivo motivo para guardar na memória ajustando o que desejo e o que faço.



TENTO

Tento parar-me, empurrando minha decepção para um outro lugar, onde existam aromas recíprocos, amores escondidos, sorrisos amigos, mãos e braços serenos e espontaneamente a mim dirigidos. Já não posso confiar em labirintos e promessas, já não quero sobressaltos que me façam urgentes pesos insuportáveis.

GUARDO RECATO

Guardo recato ainda que aprisionado pelos temas, poesias e perfumes que insistem em estampar teu rosto no dia que dedico a esquecer-te. Quando lembro as revelações, as secreções, os delírios mais sensuais, o suave gozo traz-me a passear no teu paraíso.



SÓRDIDO FINAL

Podia permanecer ocultado o sórdido final, provocando lentos e constantes olhares de angústia, representando o nada. Seria mais fácil se fosse um amor passageiro, a decepção repetida golpeia, sustenta o sofrimento e o ódio atrevido.

Roberto Curi Hallal

